

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Celestino Mikami**

**Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo**

**Limeira/SP**

**2011**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

A indicação do prof. Celestino Mikami foi unânime ao ser feita a pergunta: Quem conheceu o início da escola industrial? Convidado a fazer uma entrevista, prontamente aceitou. Ela durou duas horas. Foi inestimável para nossas pesquisas sobre parte da história da instituição escolar.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: sala do CPD 5 da Etec Trajano Camargo.

Data: 31 de maio de 2011

Técnico de gravação: Eduardo Caetano Teixeira

Edição: Thiago Richard Alves da Silva – aluno do 2º Etim Mecânica em 2019

Duração: 1 hora e 53 minutos

Número de vídeos: 6 (seis)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 24

## **Sinopse da entrevista**

O professor Celestino Mikami foi um dos “professores fundadores” do curso industrial básico de Mecânica de Máquinas e do curso extraordinário de Torneiro e Ajustador Mecânico. Caracterizou as turmas, os funcionários, os professores, o espaço escolar,

identificou fotos. Conferiu, acrescentou, modificou a transcrição da longa entrevista e contribuiu enormemente para uma das primeiras pesquisas sobre o passado histórico-educativo da escola Trajano Camargo

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 12 de fevereiro de 2013

Nome da transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Revisão da transcrição com inclusão das fotografias e recebida em: 8 de agosto de 2024

### **Vídeo 1 a 6 (duas horas)**

**Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (MAGB):** O professor Mikami foi professor na escola Trajano durante muitos anos, um professor muito querido, muito habilidoso, que tanto quanto o Dr. Trajano, ninguém bota um senão. Então eu já comecei a explicar para ele as formalidades de uma entrevista, que o objetivo é a retomada da história da escola, que se a gente não faz isso fica perdido, a memória coletiva se perde, se a gente não junta fotografias, depoimentos, tudo parece que foi em vão. Então, a primeira coisa que eu pedi é que o seu Mikami, que tem uma memória prodigiosa - ele se lembra até dos números dos alunos da 1ª turma - pelo amor de Deus, identifique esses alunos na foto de formatura.

**Celestino Mikami (CM):** Só da primeira.

**MAGB:** Vou fazer umas perguntas para o senhor a respeito do prédio (localização, condições da construção, como eram as salas). Até tem um esqueminha que um ex-aluno nossos que mora em Americana, o Ferian, fez. Ele falou que se lembrava porque deu aula de Desenho numa escola em Americana.

**CM:** Ele lecionou lá na escola.

**MAGB:** Isso. Com relação ao equipamento, adequação, piso, essas coisas, depois com relação aos professores - a procedência deles, a formação, classe social, como era o regime de contratação, o registro em carteira, em termos de salário, o relacionamento

com os alunos, o relacionamento dos alunos com os professores, como era feito o controle de frequência, o tempo de permanência dos professores na escola, licenças, faltas; orientação pedagógica, educacional, qual era o órgão supervisor da escola. Sobre os alunos do período noturno eu tenho umas fichas, que mostram os cursos oferecidos.

**CM:** Tinha o curso de Desenho.

**MAGB:** A duração do ano letivo, férias, feriados, horário das aulas, o número de aulas por dia, número semanal das aulas das disciplinas, duração das aulas, as relações escola/comunidade - a participação em eventos - como a escola era vista, a produção e o destino das peças feitas, a respeito da evasão escolar, quais as relações dos cursos daqui com a produção da cidade; as práticas escolares (seriam o método de ensino, conteúdo), legislação, material de apoio, as avaliações que tinham que fazer, registros, promoção/retenção, eventos internos, diplomação. Sobre os alunos - classe social, faixa etária, as expectativas do curso, facilidade/dificuldade de aprendizagem, falei da evasão e se tinha uniforme, continuidade de estudos, carreira profissional, cotidiano da escola e se tem um material?

**CM:** Deixei as fotos.

**MAGB:** Deixou fotos, cadernos. Deixou aquelas fotos. Olha, o senhor faz o que o pode, eu sei que o tempo é pequeno.

**Nota** – Aparece a primeira fotografia no vídeo (silêncio)

**MAGB:** O senhor começou em 53. A minha proposta de pesquisa, meu projeto só seria a 1ª turma - 53 a 56. Tinha sugerido que a Fran (profa. Franciane Boriollo) fizesse o começo do curso feminino (59-60). Ela fez entrevistas, mas não é fácil. As fotos não têm data, não dizem quem são as pessoas.

**CM:** As meninas da 1ª turma feminina foram a Juju, a Lori, a Morena, a Katy, a Ângela, loirinha. Dos homens, morreram o Atílio Savoi, recentemente, em 2011, o “pinguim Savoi”, o Ragogna (o Luizinho).

**MAGB:** Eu ia fazer entrevista com ele. Ele estava tão bom. Nossa!

**MAGB/CM:** Identificação da foto dos formandos da 1a. turma (1956) – 24 alunos e a profa. Maria Negro Lencioni.



**Fotografia 1:** 1. Antonio Giampaulo, 2. Rubens Luiz da Costa, 3. deve ser aluno do noturno (Dionísio Cagnin) - Desenho, 4. Pedro Leite de Barros, 5. Antonio Ap. de Almeida - Desenho noturno, 6. Luís Ragnagna (morreu), 7. Dioclésio A. Santos (morreu) [sinal sonoro da escola e a gravação não foi interrompida], 8. Custódio Ari Sampaio, 9. Fernando Bragoto (também morreu), 10. Cristiano Ubrich, o loirinho, Maria Negro Lencioni (era também chamada de Maria José), 11. José Walter Rodrigues (morreu novo), 12. o Fabri, 13. Ronald Kerpe de Oliveira (o mais velho, que a molecada chamava de tio), 14. Aldo Moura Torres, 15. Atílio Savoi (o Pinguim Savoi), 16. do noturno (José Francisco da Silva), 17. Belizário Leite de Barros, 18. Ormino Guzella (morreu), 19. Antonio Ferian Godoy, 20. Carlos Gugelmo, 21. não identificado, do noturno (Antonio Aparecido de Almeida), 22. José Maia, 23. Izaltino Zanchetta, 24. Nelson Silveira Bueno (foi aluno de Desenho)<sup>1</sup>, de dezembro de 1956.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

**MAGB:** Foi o Maia que andou trazendo aqui esse material, ele deve ter feito parte da comissão de formatura.

**Nota:** Seu Mikami, especulando a vida [dados pessoais]

**MAGB:** Atualmente o senhor trabalha?

<sup>1</sup> Posteriormente, José Maia, identificou os números 3, Dionísio Cagnin, 16, José Francisco da Silva e 21 Antonio Aparecido de Almeida. E a pesquisadora afirmou que a 1a. turma do noturno concluiu o curso de mecânica em dezembro de 1955 e que alguns deles participaram da formatura em 1956.

**CM:** Dou consultoria na Fumagalli.

**MAGB:** Continua chamando Fumagalli?

**CM:** Era Fumagalli até 73/74, aí ficou Rockwell-Fumagalli, depois Meritor, Arvin Meritor e agora é do grupo lochpe-Maxion.

**Nota** - Início da identificação do quadro de professores e do convite de formatura de 1956 [só iniciado]: Ebear, dava Matemática, José Roberto Fuzer, Lourenço Schmidt, seu Júlio, de Educação Física, não o Abbade, Júlio Teixeira, Maria Helena Flores Arruda, Dyrceá Ricci, naquele tempo não era casada.

**MAGB:** Quer começar deles, a falar deles? E quais os laços que teve com a Trajano? Começou em dezembro de 1953.

**CM:** No dia 5 de dezembro de 1953. Somos da turma dos fundadores (1ª turma de professores e funcionários).

**MAGB:** E ficou até quando?

**CM:** Até me aposentar, como professor.

**MAGB:** Com 25 ou 30 anos?

**CM:** Com 34 anos, porque gostava da escola e da função docente. Eu me aposentei em 31/01/1987.

**MAGB:** Se aposentou aqui. Como era o regime de contratação?

**CM:** Era funcionário público, entrei interinamente e depois fui efetivado em 57.

**MAGB:** Tinha contratação com cunho político?

**CM:** Tinha indicação política.

**MAGB:** Tinha indicação, né? Havia indicação e nomeação política?

**CM:** Em concurso não tinha política. Era rigoroso. Para se ter uma ideia, dos cento e vinte e seis candidatos só cinco foram aprovados. Foram provas teóricas e práticas. Essas últimas eram de 12 horas, em 2 dias. Também havia a prova de didática, para os que chegaram até o final. Tornou-se professor efetivo.

**MAGB:** Por que estava interino?

**CM:** Estava interino porque o prof. Rosano Beletti, diretor do Departamento Técnico do Ensino Industrial, havia prometido uma vaga para o aluno que se formasse em primeiro lugar naquele ano.

**MAGB:** Coursou uma escola profissional secundária, é isso? E qual era o grau?

**CM:** Não, era escola industrial. Escola profissional secundária mista era até 40 e pouco, depois começou a se chamar escola industrial.

**MAGB:** Foi. Mas existia nível médio? Como foi para sair como mestre, qual o nível para chegar a mestre?

**CM:** 4 anos de curso industrial básico, depois 2 a 3 de mestría.

**MAGB:** Fez mestría em?

**CM:** Em Mecânica. Trabalhei em São Paulo como Desenhista Projetista.

**MAGB:** E depois veio para cá. Ficou só professor e se divertiu prá chuchu.

**CM:** Em 59, casei-me. E, em 60, comecei a trabalhar na Fumagalli.

**MAGB:** Em 60, se tornou funcionário registrado na Fumagalli. Que regime é esse que o senhor fez? Fez concomitante desde os anos 60?

**CM:** Naquele tempo, e até hoje, funcionário público pode acumular quando leciona. Trabalhei todo o tempo na escola e na Fumagalli.

**MAGB:** Em que horário de trabalho? Aula só à noite, porque na empresa foi o dia inteiro. E era o Sebastião Fumagalli? Gente boa. Ele valorizava muito a educação.

**CM:** E o pessoal também, funcionários. Valorizava acima de tudo o ser humano, o funcionário, por isso o sucesso da Fumagalli. O foco sempre foi em cima do respeito: respeito com o funcionário, com o cliente e com o fornecedor.

**MAGB:** Eu moro lá perto. Mas, então fala para mim: como era o prédio da escola Trajano?

**CM:** Só tinha a parte de trás, onde hoje funcionam as oficinas.

**MAGB:** Tenho isso (mostrando o desenho do Ferian e a foto da fachada da escola, anotada com sendo Ginásio Industrial na década de 50), está correto?

**CM:** Sim. Foi escola industrial, ginásio industrial e hoje colégio técnico.

**MAGB:** Preciso conferir quando se chamou ginásio industrial (foi 1965). Fiz o possível para procurar umas tantas coisas. O senhor sabe que aquilo que chamam arquivo permanente, que chamam erradamente arquivo morto, guarda um monte de diário oficial e aquilo que é a história da escola acaba se perdendo. Então do pouco que eu sei, fiz um histórico, está no site da escola.

**CM:** A escola como é hoje, não existia assim na década de 50, eram ruínas, cheia de mamona, umas paredes. No fim da década de 50 aí sim. Não vai pensar que a escola industrial começou em 50 e começou assim (como está na fotografia).



**Fotografia 2:** O prédio em construção da Escola Industrial Trajano Camargo.

**Fonte:** acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**CM:** Era só a parte de trás onde tinham as aulas era tudo fechado com tábua de ferro, as salas eram separadas com tábua de ferro, as divisórias com tábua de ferro.

**MAGB:** E o assoalho? O que tinha de piso no chão?

**CM:** Como piso os tacos de caibros com piche no meio.

**MAGB:** Meio irregular, meio rústico.

**CM:** Tudo provisório para poder funcionar com dignidade. No fundo ficavam as oficinas, as salas de aula. Tudo cercado com as divisórias de tábua de ferro.

**MAGB:** E a entrada para o prédio?

**CM:** Pela rua Santa Cruz, devido a condição do terreno. Tinha a fundição do Penedo na frente.

**MAGB:** Tinha portão?

**CM:** Quando vim para cá tinha uma porteira de arame, igual a de roça.

**MAGB:** Entendi.

**CM:** O guarda noturno, o seu Pedro, um servente que fazia o papel de guarda. Depois havia a diretoria, consultório dentário, tinha o Dr. Messias de Moraes.

**MAGB:** Bom. Tinha dois sanitários?

**CM:** Sim, um masculino e um feminino.

**MAGB:** E aqui a secretaria, com a dona Nilza Maduro. Ela é viva?

**CM:** Acredito que sim. Seu Pedro Quadros era contador. Ficava na secretaria, a mesa do seu Pedro.

**MAGB:** A secretaria, depois a sala de Desenho, de aulas e, evidentemente, o maior espaço era ocupado pelas oficinas.

**CM:** Inicialmente a forjaria aqui e a ajustagem, diretoria, sanitário, gabinete dentário. Na ala dos fundos: Fundição, Modelação e Mecânica, ocupando o maior espaço.

**MAGB:** Oficina de fundição, de modelação, das máquinas, quatro salas de aula. E no meio, tinha grama?

**CM:** No meio um pouco de grama e plantamos um ipê no Dia da Árvore. Há fotos onde podemos ver o pessoal daquela época.

**MAGB:** Bom. Então, quer dizer que o prédio, concluindo...

**CM:** Um minuto só, o prédio era só a parte de trás.

**MAGB:** E daí, como eram os alunos? O que o senhor pode me dizer? Quais as lembranças?

**CM:** Excelentes, tanto que me lembro deles até hoje.

**MAGB:** Mas eles começaram cedo.

**CM:** Não, começaram um pouco mais tarde, pois muitos já haviam passado por outras escolas. A maioria deles era bem arteiros. Quando começou, a escola industrial era novidade aqui em Limeira. Na década de 1930, houve a escola pioneira criada pelo Dr. Trajano (proprietário da Indústria Máquina São Paulo) que era nos moldes das escolas profissionais.

**MAGB:** Se era escola industrial que começou com Mecânica de Máquinas, no diurno, no noturno o que havia?

**CM:** No noturno, Desenho e Mecânica.

**MAGB:** Em Mecânica, tinha torneiro e ajustador?

**CM:** Era obrigatório ter as disciplinas de tornearia, ajustagem, forjaria, serralheria, fundição, modelação e as aulas teóricas normais, além de desenho técnico e tecnologia mecânica. O curso era de Mecânica. À noite, era curso extraordinário de iniciação, continuação e complementar - 3 anos.

**MAGB:** E quando ele se formava, era em quê?

**CM:** Os alunos do curso diurno recebiam diploma e os alunos dos cursos noturnos recebiam certificados.

**MAGB:** Certificado do quê?

**CM:** De Mecânica e Desenho.

**MAGB:** A entendi. E eles continuaram?

**CM:** Naquela época era difícil, não havia escola técnica e o pessoal tinha um certo preconceito com as escolas profissionais pois o decreto que criou a escola profissional, era uma escola sem disciplina, e se dizia que ela se destinava a filhos de escravos e a pessoas sem recursos. Eram trabalho manual e a maioria sem instrução. Como escola industrial valorizou o ensino técnico.

**MAGB:** Sabe o que acontece? Fiquei mais animada de retomar a pesquisa porque esse ano são 100 anos da escola profissional, que começou, em 1911, com o presidente Nilo Peçanha, quando falava dos desvalidos da sorte.

**CM:** Exatamente. Já no nosso tempo quando se falava em fazer escola industrial que era escola de pobre.

**MAGB:** E esses alunos como se sentiam?

**CM:** No começo, com a peja de escola de pobre. Já existia o Colégio S. José, o Sto. Antonio e o Castello Branco.

**MAGB:** E daí?

**CM:** Nesse ponto, eu acho que o seu Crespo contribuiu muito para valorizar o curso. Os próprios alunos do noturno pediram uniforme, calça caqui de brim e camisa branca de manga comprida. Vinham com o uniforme.

**MAGB:** Ah! E, a gravata? Preta? E sapato?

**CM:** Sapato preto. E os próprios alunos faziam questão de aparecer uniformizados. E com as festividades, os desfiles e, começou a se destacar a escola

**MAGB:** E as procissões.

**CM:** Procissões - fazíamos os carros alegóricos, os alunos foram projetando a escola industrial, o nome da escola Trajano na cidade e nas indústrias. O Zanchetta, antes de se formar trabalhava no Varga, que começou ali na Capitão Kehl. No começo de 1956, o Júlio chegou e falou que precisava de alguém que soubesse desenhar e, como o Zanchetta desenhava bem, nós o indicamos. Ele trabalhou lá por bastante tempo e se aposentou tendo a Varga como único emprego.

**MAGB:** E nessas alturas os alunos começaram a se sentir mais valorizados. E como os alunos se entendiam entre eles e com os professores?

**CM:** Era como uma família.

**MAGB:** E por que saía tanta gente? Não era porque o estudo era difícil?

**CM:** Não. Eles gostavam da escola. Muitos saíam para trabalhar e ajudar a família. O curso era integral (o dia todo na escola). No último ano da 1ª turma, em 1956, fizemos três máquinas, que precisávamos entregar porque a dona Terezinha vinha abrir a exposição. Não tínhamos recurso. Graças ao Penedo, o Penedo fundiu as peças, deu o material e nós usinamos as peças. E essa turma trabalhou dia e noite, passaram a noite aqui, tinha gente da 2ª turma também.

**MAGB:** Porque falava bastante - para fazer entrevista a gente precisa de gente não monossilábico, que fala, tinha pensado no Ragogna, estou pasma com a morte dele. O Maia deu um monte de material, então vou atrás dele.

**CM:** O Zé Maia fez o noturno – Desenho e, depois, Mecânica, o Nelson Bueno da Silveira também fez. Eles estão na cidade, de vez em quando eu os encontro.

**MAGB:** A professora da USP tem uma equipe, mas esse é um trabalho insano, quantas horas eu vou ficar fazendo isso?

**CM:** Bom, você tem que fazer a edição.

**MAGB:** A gente tem que agilizar, pensei em fazer uma entrevista com o Izaltino ou com o Roberto Campoe.

**CM:** Ex-alunos se tornaram industriais como o José Roberto Campanini, já morreu faz tempo, que tinha uma fundição, uma fábrica de mancais, na Av. Campinas, o Onofre Chinellato (irmão do Everaldo) e outros que tiveram indústrias diversas como ferramentaria, fábrica de joias, etc. O Onofre seria uma boa pessoa para entrevistar. Ele foi nosso aluno e hoje é industrial.

**MAGB:** Então os alunos aproveitaram isso aqui e começaram a trabalhar no ramo.

**CM:** O Onofre seria uma pessoa boa, tem a indústria Chinelatto.

**MAGB:** Eu não sabia, ele (seu Everaldo) não me falou nada.

**MAGB:** Que indústrias havia nos anos 50?

**CM:** Tinha o Prada, o Fumagalli. Na Associação Comercial tem tudo.

**MAGB:** Não, na sua cabeça.

**CM:** Tinha a Lucato, Prada, Invicta, Fumagalli, D'Andréa, Zaccaria, Armando Roque, Penedo e muitas outras.

**MAGB:** Quer dizer que as indústrias que existiam na cidade eram do ramo mecânico-metalúrgico.

**CM:** Exatamente. Naquela época Limeira tinha destaque industrial, tinha mais de 500 indústrias de peso. Tinha a FACIL

**MAGB:** Quem é desse tempo? O Sr. Creso.

**MAGB:** Seu Mikami esteja à vontade, o que o senhor quer fazer. Quer parar? Por mim, a gente continua.

**CM:** Queria deixar terminado, mais meia hora?

**MAGB:** O senhor aguenta? Não tem uma aguinha para ele, Baccan? Um café? Qual era a formação dos professores?

**Nota** - Conversando sobre a origem familiar do prof. Mikami. Filho de japoneses, católico etc.

**CM:** Faculdade só em S. Paulo. Seu Creso era prof. de Português e veio de Jaú, ficou aqui e depois foi para Campinas para ser membro da escola de Química Eduardo Prado. Estava cursando Direito na PUC Campinas, quando faleceu. Era excelente aluno. [Falou sobre a família do seu Creso. E lhe foi dito que o contato com a família não teve resultados].

**MAGB:** Então ele ajudou a valorizar a escola. A escola era limpinha.

**CM:** Sempre foi.

**MAGB:** E as outras pessoas? Os funcionários - os serventes: Waldemar Pereira e o Waldemar Vendramini, ambos ex-combatentes da 2a. Guerra Mundial, D. Nilza Souza Dias, escriturária, seu Pedro Quadros, contador, Henrique Duarte do Páteo Júnior, almoxarife

**MAGB:** Mais tarde, o dentista, Dr. Messias Antonio de Moraes. E o seu Pedro?

**CM:** O seu Pedro era o servente que também fazia o papel de vigilante à noite.

**MAGB:** Os professores eram mestres? Eram formados em faculdade?

**CM:** O vice-diretor era o Avelino Novaes Teixeira, prof. de Português e depois fez direito; Plácido de Moraes, orientador educacional; Maria Negro Lencioni, aula de Português, excelente professora.

**MAGB:** E bonita, nessa fotografia aqui.

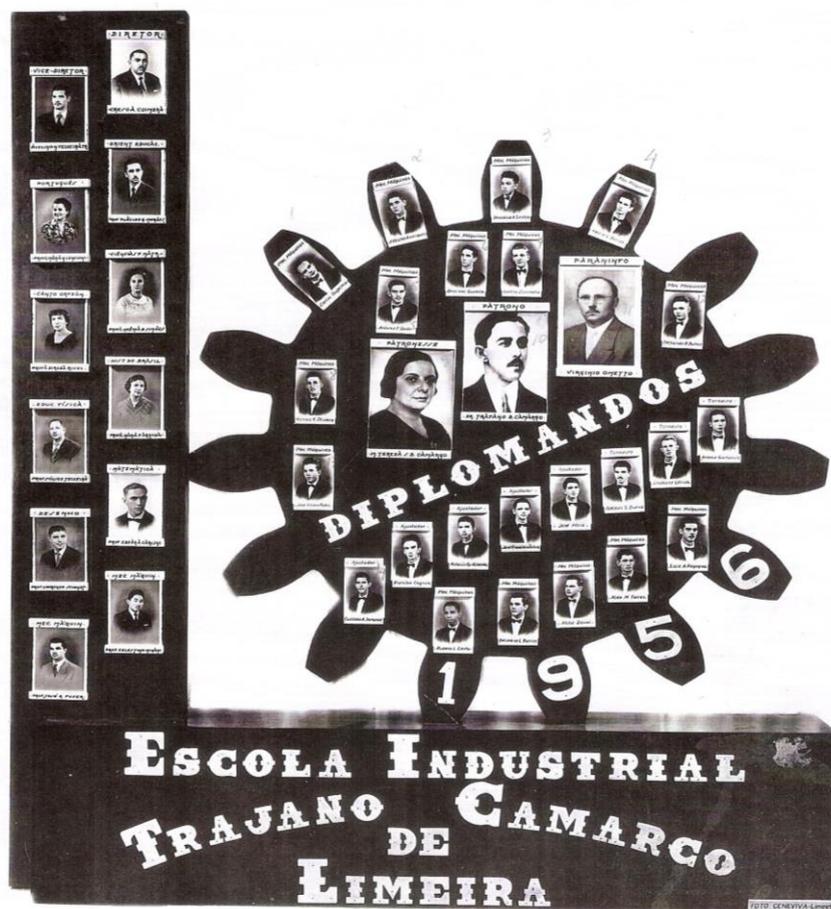
**CM:** D. Noêmia Bilotta Simões, o marido era o Paulinho Simões, de Iracemápolis, dava aula de Ciências; D. Dyrcea Ricci; D. Maria Helena Flores Arruda, formada em faculdade, dava aula de História e Geografia, excelente professora e pessoa; o Júlio, Teixeira, prof. de Educação Física, o Ebear Carlini, dava aula de Matemática, Lourenço de Jesus Schmidt, José Roberto Fuzer, de Jaú.

**MAGB:** O Lourenço dava aula de Desenho.

**CM:** Identificando os professores do quadro de diplomados de 1956. Não aparece o Odecio Lucke porque ele estava em Araraquara. Foi transferido para lá, para outra escola industrial.

**MAGB:** Localizei a viúva dele e um aluno de Cordeirópolis vai me trazer cópias dos documentos do seu Odecio. Sobre o seu Lourenço, vou entrar em contato com a esposa dele, a D. Assunta. Seu Lourenço, excelente?

**CM:** O José Roberto Fuzer que dava aula de ajustagem.



**Fotografia 3:** Nas colunas, as fotos e os nomes do diretor, Creso A. Coimbra, do vice-diretor, Avelino N. Teixeira, e dos professores. No centro da engrenagem nomes e fotos do patrono, Dr. Trajano B. Camargo, da patronesse, M. Thereza B Camargo, do paraninfo, Virgínio Ometto, rodeados por diplomandos de Mecânica de Máquinas, Ajustador e Torneiro, de 1956.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**MAGB:** Qual era, como era o método de ensino? Vocês recebiam material? Tinham treinamento?

**CM:** Fazia o curso de CBAI

**MAGB:** CBAI? Com C, o que era isso?

**CM:** CBAI e a gente ia a São Paulo para fazer esses cursos da série metódica, devo ter apostila. Recebia bolsa de estudos e ia fazer esses cursos.

**MAGB:** O senhor acha que naquele tempo a escola industrial tinha dinheiro?

**CM:** Na década de 60, até o pessoal do Castello Branco dizia que “a verba do material de limpeza de vocês é maior do que a nossa verba toda”.

**MAGB:** Entendi. O senhor deu aula no COTIL, aqui?

**MAGB:** Lembra o ano? Eu tenho que condensar as informações.

**CM:** Em 66/67 com o Manoel da Silva, começou aqui o curso Técnico de Mecânica do COTIL. Eu dei em Edificações.

**MAGB:** Então primeiro foi mecânica e, depois, edificações?

**CM:** Eu não posso falar isso.

**MAGB:** O que mais. Na hora de transcrever vai aparecer sempre dúvidas.

**MAGB:** O que vem a ser série metódica?

**CM:** Série metódica era um projeto que começava desde o 1º ano e terminava no 4º.

**MAGB:** O que vocês produziam aqui? E o que faziam com as peças? Não iam para a indústria?

**CM:** Não, ficavam com os alunos. Era como um troféu do esforço despendido.

**MAGB:** Vamos ver o mais agradável - as fotos.

**MAGB:** Essa de quando seria essa foto?

**CM:** Nessa época já estavam construindo aqui na frente.



**Figura 4.** Pedro Quadros (de terno claro, contador da E.I. Trajano Camargo), Porfírio da Paz (vice-governador ou governador interino de Jânio Quadros), Carvalho Pinto, Brigadeiro Faria Lima (Secretário da Viação), prof. Creso Assumpção Coimbra (diretor da E.I. Trajano Camargo), de 3/05/19570.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**MAGB:** Essa de quando seria essa foto, não é de 53?

**CM:** 57/58. (encerra gravação da entrevista)

**MAGB:** E eu achando que era da inauguração (contou um fato engraçado envolvendo o Waldemar Pereira e o brigadeiro Faria Lima, nesse dia)



**Fotografia 5:** 1ª. formatura. Na 1ª. fileira, sentados, da esquerda para a direita, Ary Marinho, Pedro Quadros, Plácido Gomes de Moraes, Maria Negro Lencioni, Dyrcea Ricci, Noêmia Bilotta Simões, Virgínio Ometto (prefeito municipal), Maria Thereza Silveira de Barros Camargo e Creso Assumpção Coimbra (diretor da E. I. Trajano Camargo). Na 2ª. fila, de terno escuro, Celestino Mikami e Nélio Sancinetti, dezembro de 1956.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 6:** A 1ª. formatura. Na fila da frente: prof. Paulo Chaves [tem uma escola com o nome dele], padre João Ferreira Neto, Natanael de Almeida Leitão (pastor protestante), Dr. Agostinho Nogueira de Sá (Juiz de Direito), Creso Assumpção Coimbra (diretor da E.I. Trajano Camargo), Virgínio Ometto (Prefeito Municipal), D.Terezinha (MariaThereza Silveira de Barros Camargo), José Adriano Lopes Castello Branco (prefeito municipal), dezembro de 1956 .

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**MAGB:** A D. Terezinha aparecia aqui?

**CM:** D. Terezinha, da Machina S. Paulo? Ela morava em SP e tinha um carinho especial pela escola e por nós, para sorte nossa. Quando não tínhamos materiais ou ferramenta, nós emprestavamos da Machina S. Paulo. Ela deixou ordem que quando chegasse um pedido nosso era prá entregar imediatamente. Fazíamos uma requisição.

**MAGB:** Tinha biblioteca?

**CM:** Não, era só uma sala.



**Fotografia 7:** Inauguração da biblioteca: Plácido discursando (Gomes de Moraes, orientador educacional), Guido Ramello (pai da Daisy), João Duarte, Geraldo Caram, seu Pedro (contador), Zé Carlos (irmão do seu Creso), de 17/05/1955.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Figura 8.** Pedro Quadros (de terno claro, contador da E.I. Trajano Camargo), Carvalho Pinto, prof. Creso Assumpção Coimbra (diretor da E.I. Trajano Camargo), Porfírio da Paz (vice-governador ou governador interino de Jânio Quadros), de 03/05/1957.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**MAGB:** E eu achando que isso era a inauguração da escola. O prédio ficou desde 48 abandonado.

**CM:** Seu Creso contava, que até 56/58 o prédio não estava pronto e a fundação - da parte da frente, foi examinada para ver se aguentava o 2º andar. O prédio foi projetado para dois andares.



**Fotografia 9:** D. Helena Gullo regendo o orfeão, de 17/05/1954, 1º. aniversário da escola.  
**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 10:** Aula inaugural (20/3/1953): Jucão (José Marciliano da Costa Jr.), Paulo D'Andréa, seu Cresco, \_\_\_\_\_, D. Terezinha, prefeito Virgínio Ometto, \_\_\_\_\_, padre Rossi \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, de 1953.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 11:** Na 1ª. fila, a partir da 3ª, da esquerda para a direita: dona Maria, Ary Marinho, \_\_\_\_, seu Lourenço, Odecio Lucke, seu Pedro, \_\_\_\_ e Plácido (em pé) e a 1ª turma de alunos. Aula inaugural, de 20/03/1953.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 12:** As carteiras de desenho (pranchetas). Uma parte delas é usada até hoje, de 1955. **Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 13:** Carro alegórico da procissão da igreja N.S. Aparecida, na Av. Laranjeira, de 1954.  
**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.



**Fotografia 14:** Festa da Laranja, de maio 1955.  
**Fonte:** Acervo Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**CM:** Para a Festa da Laranja veio a Marta Rocha

**MAGB:** que perdeu [o concurso de Miss Universo] por duas polegadas a mais, em 54.



**Fotografia15:** Sessão solene da 3ª turma de formandos. Na 1ª. fila, o diretor Creso Assumpção Coimbra e o prefeito municipal, José Adriano Lopes Castello Branco (complementação). Na última fila: Jonas Rubini, seu Rogério Mazola, Turpim, Manoel (da Silva), Ary (Marinho), Edison Lusvarghi, Cleide (Lusvarghi), João Duarte, seu Ari (Pinto Souto), de 1958.

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2011.

**MAGB:** Estou exausta. Mais duas fotos de 53, da oficina no início dos anos 60, ou na década de 60. Seu Mikami, o senhor não sabe o quanto ajudou. Eu vou fazer o possível. Muito obrigada.

**Nota** - Foram tiradas duas fotos no CPD 4 que leva o nome do prof. Celestino Mikami

**OBS:**

1. A transcrição foi feita com os dados da gravação e com algumas correções e/ou complementações feitas pelo próprio entrevistado, por escrito ou verbalmente. Foram suprimidos alguns comentários feitos pela entrevistadora, sem comprometer o teor da entrevista.
2. A maior parte das fotos é digital de um CD ofertado pelo prof. Mikami. São fotos em suporte de papel as enumeradas como figuras 1, 2, 3, 5, 7.

## Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Celestino Mikami

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Escola Técnica Trajano Camargo

Centro de Memória

Mecânica de Máquinas

Curso extraordinário noturno

Ginásio industrial

Carros alegóricos

COTIL

CBAI - série metódica

Cultura material

Fotografias década de 1950

## Dados Biográficos do Entrevistado



Celestino Mikami, em 2011

Fotografia: Eduardo Caetano Teixeira

**Celestino Mikami**, nasceu em Ribeirão Preto/SP, no dia 06 de abril de 1932. Fez quatro anos do curso industrial básico e 2 a 3 anos de mestría em mecânica na Escola Industrial “José Martiniano da Silva”, de Ribeirão Preto. Foi trabalhar em São Paulo, como desenhista projetista. Como terminou o curso de mestría em 1º. lugar, conseguiu uma vaga, como professor interino de mecânica na E. I. Trajano Camargo de Limeira. Depois prestou concurso bastante rigorosos, de provas e títulos, e foi efetivado. Trabalhou na Trajano de 05/12/1953 até se aposentar em 31/01/1987, ou seja, por trinta e quatro anos, porque gostava da escola e da função docente. Também lecionou no Colégio Técnico de Limeira. Cursou engenharia mecânica, em Mogi das Cruzes. E, conciliando

com a docência, em 1960, começou a trabalhar na indústria Fumagalli, que teve outras denominações. Hoje, 2024, se chama Maxion Wheels. Sua última ocupação na empresa foi consultoria. E faleceu em março de 2024.

### Dados Biográficos da entrevistadora



Marlene Benedetti

Foto: Dugan Robbins, 2017

**Marlene Aparecida Guiselini Benedetti** nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional. E desde 2022, é voluntária no Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

### Anexo (Documento sigiloso e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de autoria e de uso de imagem do professor Celestino Mikami de 22/03/2012.